

Como será o (novo) mundo dos negócios depois que passar o coronavírus?

Apresento alguns temas para (simples) Reflexões, e premissas para discussão

Premissas para discussão

- I - Crise sanitária
- II - Crise econômica
- III - Crise social
- IV - Crise institucional – Interna e Externa

No que diz respeito à crise sanitária, o bom senso nos diz que a discussão deve ficar restrita e deixada a cargo dos especialistas em saúde pública.

Porém, o que deve ser colocado para discussão são: a crise econômica, social e institucional.

Por mais que seja necessário e importante a discussão da crise sanitária, os fatos demonstram que os efeitos das medidas adotadas não consideram a destruição da economia brasileira e por consequência do seu tecido social e institucional.

Vamos aos fatos, que ilustram esse raciocínio:

Fatos:

- 1 – Estimativa veiculada pela revista Exame sobre o número de desempregados no mundo – de 8 a 12 milhões de desempregados.

2 – Queda brutal das atividades econômicas dos países integrantes da OCDE- Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

Vejam os dados publicados recentemente:

Grandes economias em apuros

Vem da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), um estudo mostrando que as principais economias do mundo estão amargando prejuízos com a pandemia. O diagnóstico é de queda expressiva no potencial de crescimento em razão dos choques na produção, no ritmo de consumo e na confiança geral. Os dados são de março, estão enquadrados dentro de uma metodologia consagrada pela OCDE há muito tempo e apontam para a mais forte queda desde o início da série histórica. Quase todas as economias – a do Brasil entre elas – registram, segundo o estudo, "forte desaceleração". Na escala que vai até 100, os países da OCDE caíram de 99,6 para 98,8. A situação na Índia é a única a destoar. Mas não por completo. A sinalização para o país é de desaceleração, apenas. O estudo, ao registrar particularidades entre as nações e os reflexos da crise, pondera que os próximos períodos serão decisivos, sobretudo porque a incerteza só aumenta. (veiculado pelo blog PCO)

Vamos encolher mais do que a média mundial

O Instituto Internacional de Finanças (IIF) revisou para baixo sua projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) global e passou a prever contração de 2,8% em 2020, o que significa que o “choque causado pela covid-19 será mais acentuado do que durante a crise financeira de 2008”. Em relatório divulgado nessa quinta-feira, 9, a instituição também estimou que a economia brasileira, “não tendo se recuperado totalmente da recessão de 2015”, encolherá 4,1% neste ano. Segundo o documento, o crescimento da China deve desacelerar a 2,1% em 2020. O Instituto calcula ainda fortes retrações na atividade econômica de Estados Unidos (-3,8%), Japão (-4,2%) e zona do euro (-5,7%) neste ano. “Nossa previsão assume que haverá estabilização e recuperação parcial no segundo semestre do ano, uma premissa que está sujeita a riscos”, destaca. Na avaliação do IFF, as economias emergentes serão as mais afetadas pela recessão, com PIB da América Latina registrando queda de 5% no ano. A instituição explica que esses países registraram fuga de capital recorde no

primeiro trimestre, superando o auge da crise de 2008. “Uma combinação do choque da covid-19 com substancial queda nos preços do petróleo, após o fracasso das negociações da Organização dos Países Exportadores de Petróleo e aliados (Opep+), causou uma saída de capitais de US\$ 83 bilhões só em março”, (veiculado pelo blog PCO)

Dessa forma, quais as premissas que devem ser avaliadas para prever o os impactos nos negócios, na sociedade, e no Estado Brasileiro?

A nosso ver, sem que haja um detalhamento de cada situação, os impactos podem ser itemizado nos seguintes tópicos, que afetarão todos os setores da economia – a indústria, o comércio e os serviços.

Impactos

a) Crise econômica

1 - Desaceleração brutal da economia brasileira, com perda de empregos e da renda da população.

2 - Nas empresas e negócios:

1 - Medidas corretivas para solução imediata como remédio para os problemas mediatos: fluxo de caixa, demissões, redução das despesas, mas que não são a solução para o futuro;

2 - Medidas prospectivas – vulnerabilidades, avaliar quais foram as vulnerabilidades que afetaram os negócios e não tiveram solução;

3 - Excessos e seus limites – falta de gestão, avaliação do que foi feito e não deu resultado;

4 - Crimes de responsabilidade – como evitar responsabilidades pelos atos cometidos;

- 5 – Todos os negócios tiveram uma perda de valor em toda cadeia produtiva; como reconstruir a relação com clientes, fornecedores; como restabelecer a relação de confiança e comercial?
- 6 - Destruição dos negócios – como reconstruir?
- 7 - Reconstrução dos negócios – vale a pena? Melhor será partir para os novos modelos de negócios?
- 8 – O novo consumidor? Vai ser diferente? O que esperar dele? Vai ditar o futuro dos negócios.

Um estudo divulgado pela McKinsey capturou quatro desdobramentos que já estão sendo sentidos no Brasil. Em resumo: (i) clientes mais abertos a experimentar novas marcas; (ii) migração massiva para o consumo online; (iii) busca por produtos saudáveis, seguros e locais e (iv) diminuição do tíquete médio à medida em que consumidores buscam produtos mais baratos. Ou seja, a oportunidade está dada para marcas que captem mais rapidamente estas tendências.

Vão vencer o jogo as empresas que conseguirem ler de forma mais rápida e precisa as necessidades dos consumidores pós-Covid-19, adaptarem suas estruturas internas e seus modelos de negócios e oferecerem uma experiência superior. Na Nova Economia, assim como nas ilhas Galápagos de Darwin, ganha o jogo quem melhor se adapta.

**Renato Mendes é cofundador da Orgânica.*

A hora do novo capitalismo

Edição 1207 - 15/04/2020 Revista Exame

A crise do coronavírus acelerou a adoção de um modo de fazer negócios que prioriza o impacto social - e o bem-estar pessoal e familiar de trabalhadores e empresários. Enquanto lutam para sobreviver, precisam também assumir a dianteira das mudanças. Ou podem ser punidas por clientes, fornecedores, funcionários e investidores.

b) Crise Social

- 1 – Aumento da desigualdade social – sem renda e sem trabalho;

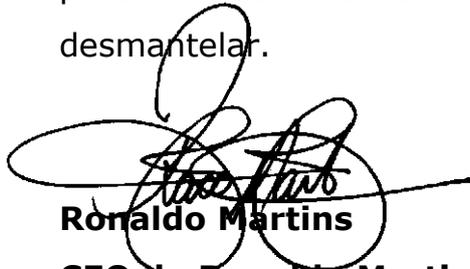
- 2 – Perda emocional da população em época de necessidade;
- 3 - Destruição do tecido social;
- 4- Estado de necessidade - não haverá respeito aos postulados legais;
- 5 – A mitigação das políticas públicas – falta de saneamento básico; falta de assistência médica aos mais pobres pelo colapso da rede pública de assistência médica e social, e colapso da educação básica;
- 6 – Como o Estado Brasileiro vai tratar 70 milhões de pessoas que estão abaixo ou na linha de pobreza?

c) Crise Institucional Interna e Externa

As complexas consequências econômicas da pandemia

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto (foto), disse nessa quarta-feira que a crise do coronavírus deve deixar o mundo em situação geopolítica “bastante diferente” do que havia no passado, o que pode causar preocupação em mercados emergentes. Ao participar de videoconferência com executivos do Credit Suisse, Campos Neto ressaltou que a cadeia global de valor já vinha sendo desafiada mesmo antes da pandemia, o que deve ganhar força daqui para frente. “Primeira (implicação) é distanciamento maior do mundo desenvolvido para os países emergentes porque os países emergentes estão muito inseridos nessas cadeias globais de valor”, disse ele, pontuando que nos últimos anos grande parte do crescimento dos emergentes foi guiado por especialização e inserção nas cadeias globais de valor. “Segunda (implicação) é que se você tiver país desenvolvido tendo que voltar a produzir bens onde já ele não tinha vantagem comparativa, provavelmente a gente está numa situação de um crescimento estrutural mundial mais baixo por um tempo maior”, acrescentou. Campos Neto disse haver consenso de que, se essa crise perdurar um pouco mais, grande parte dos países vai convergir para estímulo fiscal de 6% a 7% do Produto Interno Bruto (PIB), o que é alto. “A gente tem que ver como é que isso vai acontecer”, afirmou. (veiculado pelo blog PCO)

Diante dos temas e dos impactos, e talvez pela minha vivência profissional que mescla as formações de Direito, Economia e Contabilidade e o dia a dia no mundo dos negócios, vejo que todos os empreendedores, executivos e gestores de estratégias precisarão discutir e avaliar os caminhos de políticas públicas e tributárias mais equitativas, precisarão desenvolver regras mais justas e adequadas a cada negócio, à cada região. Reconstruir ou construir os negócios considerando o novo consumidor, e, principalmente, a gestão da nova força de trabalho que irá surgir depois da crise emocional a que todos trabalhadores irão sofrer. Acredito que é um processo longo, mas que precisará ser tocado a toque de caixa, porque senão o Estado irá se desmantelar.



Ronaldo Martins

CEO do Ronaldo Martins & Advogados